

¿Quem disse que não vale a pena?

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

¿Quem disse que não vale a pena?

Luiz Fernando de Oliveira

*Pra quê sonhar?
A vida é tão desconhecida e mágica...*

– Cazuza

Ele nunca pretendeu ir à Disney. Seus desejos de criança são menores, muito menores e menos chatos. De fato, ele sempre quis o que pôde querer. O ruído da montanha russa e dos demais brinquedos dos parques temáticos deve lembrar o dos carros nos viadutos – ¿por que ir ao encontro de estampidos que atrapalham seu já tão desconfortável sono? “Fico com o que não tenho”, consolava-se. Mais ainda, alegrava-se.

¿Ser famoso, então! Isso ele jamais quis: deve dar um trabalhão da gota cuidar do cabelo, da pele, do corpo, da voz, das roupas; o investimento não compensa a pequenez do lucro. Gente famosa não vive, dedica-se à vida, como se ela fosse um bem material, faz dela um latifúndio que exige um trabalho exaustivo e que, ao fim, só gera alimento para uns gatos pingados e um dinheiro incapaz de impedir que a mesma terra os devore. Preferia o anonimato:

— Fico sem nome mesmo – ria-se.

Nos cartazes, ele via gente bonita e pensava: “Melhor não ser bonito, se a gente perde a beleza de pressa”. Com efeito, todos os desejos são volúveis por natureza. Isso nem era preciso dizer, afinal, “desejo volúvel” é dessas redundâncias da mesma categoria como “círculo redondo”, “água molhada”, “rico mesquinho”. E fitando os corpos emparedados, reforçava para si mesmo: “Minha mãe nunca foi bonita, eu acho, mesmo assim meu pai quis ficar com ela. Gente bonita tem todo mundo e não tem ninguém. Fico com minha feiura”. ¿Acredita mesmo nisso?

Não, pensando melhor, ele não se achava feio: considerava-se... comum. Belezas comuns excitam até mais. Pessoas perfeitas de corpo e de rosto se parecem com bonecas, dão canseira nos olhos, envenenam os órgãos, deprimem a alma, desgostam as vontades, ampliam os ciúmes. ¡Quando se é muito bonito e a velhice vai roubando o viço e o lume de quem a tem, aos poucos tudo vira solidão! Os desdentados não devem sofrer, caso tenham tido dentes feios e podres e amarelos. À exuberância, o menino preferia o meio termo – ou o meio que é do meio para baixo.

¿O que acontece quando a mansão fica de herança para os filhos de quem morre? Tirar o morto do túmulo, ela não pode. E que mansões são túmulos: quentes como deve ser o inferno, úmidos como a roupa encharcada pelo suor dos que abrigam os marginais, cheios de lodo e baratas e vermes... “Melhor ter casa nada”, refletia. “Na rua, sou livre pra ver o povo sempre querendo”, prosseguia. Retiradas dele as probabilidades de se realizar como ser humano, ele preferia se bestializar. As feras devem ser menos infelizes que os anjos.

“Que nada, a vida é boa”, dizia-se olhando a sua cara refletida nas vitrines – obviamente, do lado de fora, antes dos donos da loja o enxotarem. Sua mãe não tem anéis nos dedos, pois ela nunca ganhou um do homem que a embarrigou dele e de seus tantos irmãos. Essa velha de vinte e poucos anos, enrugada como os trapos que usa, maltratada pelo sol e pela poeira, tem unhas fortes, empretecidas pela lama das sarjetas, fortalecidas pelo cavoucar diário das latas de lixo. “Moça de anel, de esmalte e de creme na mão não tem calo no dedo, por isso sente tanta dor. Mãe de mão cheia de calo que é boa. Calo é pele seca, não dói”. ¿Dói?

Falando em mãos, ele tem dedos de arrancar ranho do nariz. ¡Quantas crianças não os têm! Por isso sua vida é boa. Crianças ricas e sem dedos, aleijadas de parto ou de acidente, não sabem o quão prazeroso é arrancar aquelas quase-bolinhas úmidas e disformes das fossas nasais, deslizá-las entre o dedão e o indicador, o médio, o anelar, o mindinho, remodelá-las retirando delas a viscosidade até deixá-las secas – “¡agora são bolas de verdade!” –, a fim de colecioná-las nos arrimos das pontes até que uma lagartixa as devore. “Quero só esse pouquinho de vida”.

Um dia, vendo uma turba voltar da escola, ele pensou: “¿Camiseta branquinha, calção, saia, calça passada” – ele que nunca viu ferro de passar, nem sabão de lavar – “e mochila e merendeira, tudo isso pra quê? Escola deve ser chata pra caralho” – sim, ele pode falar de caralhos, mesmo sendo criança, o que as crianças finas não podem. ¡Que liberdade, a sua!

Ele pensa muito em comida, mesmo com o prato vazio. ¿Aliás, que prato? *Pensar* em comer não é a melhor expressão: as razões de seu estômago são barulhentas, tonteiam o corpo, embaralham as vistas. Sentado na calçada de um boteco, um analista dizia na televisão, com ar professoral e autoridade de quem come todos os dias, que nos abastecemos de doenças a cada mordida:

— Vegetais com agrotóxicos – jupa, agroquímicos! – fazem mal para o aparelho digestivo, frutas matam mais cedo devido aos fertilizantes, carne envelhece o corpo mais rápido, a água está contaminada, os produtos industrializados são carcinogênicos – o menino não sabia que diabo é isso, mas concluiu que devia ser algo ruim –, conservantes dissolvem o fígado...

¡Que alívio! Com tanta comida cancerígena, melhor mesmo é não ter o que comer. “¿Pra que comer, se a gente pode pensar na comida sem ficar gordo e sem câncer? Ouvi falar que câncer é um troço que dói tipo a desgraça” – E assim se passavam seus dias, movidos a felicidades diminutas, plenificados com a sensação de que não se sofre por aquilo que não se pode ter ou ser. É menos triste a vida de quem nunca foi alegre. Por isso, era contente com o nada que possuía, com a escassez e a miséria, com o não-ser que ele era, até que a morte o levasse...

... por falar em morte, ela veio, e veio que veio bonita – digo, com sua beleza comum. Morte bonita é coisa de rei, rainha, gente famosa, papa, pessoas que, geladas, devem ansiar pelo fim dos longos rituais para descansarem no mais sublime esquecimento. Foi num dia de sol, lá na Rua dos Providos, dia de farta luz.

Ele andava descalço pelo asfalto quente; nunca teve chinelo, sandália, tênis, sapato, bota nem botina. “¡Que gostoso ter essa crosta na sola do pé que nem chão quente faz doer! Piso na bosta de cachorro e vejo nada”. Uma

Mercedes conversível avançou o sinal e o atropelou em cima da faixa de pedestres. O motorista fugiu sem prestar socorro, e, todo ferido, o sem-nada disse a si mesmo:

— Coisa ruim é ser esse moço que me pegou. Gastou dinheiro no carrão que agora deu uma amassada, porque meu corpo é duro e a batida foi forte. Quebrou o farol. Meu sangue ficou nele. Ainda bem que eu não tenho carro. Tenho pena dele agora. Deve reclamar demais. Vai ter que lavar o carro. Vai ter que esconder da polícia, inventar desculpa, dizer que não viu, que passou na hora certa sim, que eu que errei. Mas ele não vai preso, se fosse, assim ele comia todo dia. Os pessoal fala que preso é vagabundo que gosta de comida fácil – a cadeia deve ser boa, viu? Gente que é livre sempre diz que a cadeia é boa. Gente que mora em casa sempre elogia a vida de quem vive de rua, fala que a gente não paga imposto... Eu sei lá o que é imposto...

Gente chegou perto, fingindo pena, movida pelo fascínio que o sangue desperta. Eles terão sobre o que falar no almoço de domingo. O sangue derramado fritava no asfalto, a baba que escorria da boca convulsiva chegava a borbulhar em contato com o granito na beira da calçada. ¡Que delícia sentir o corpo, ainda que por meio de uma dor insuportável! Embora suportar seja para quem tem alguma coisa: ele podia simplesmente não suportar. Morreu ali, sem que ninguém sofresse por ele. Ainda bem, apenas sofrem aqueles que tiveram momentos de felicidade como comparativos.

Recolhido, foi para o *Cemitério dos Nunca Foram*. Embrulharam-no em um saco de pano grosseiro e o jogaram numa cova sem número e sem plaquinha – tanto melhor: assim, ninguém terá o desprazer de ter que ir visitá-lo fingindo piedade a



cada dia 02 de novembro. Enquanto a terra cobria, prazerosamente, aquele fardo, alguma consciência ainda presente naquele corpo pensou:

— ¡Eu nunca chorei na vida, como isso é bom!

E tudo mais foi abandono e indiferença.

As pessoas ao redor do cemitério prosseguiam com suas vidas, corriam atrás de seus sonhos imensos e planejavam um futuro, sem saber que apenas o presente existe, aguardando a realização de todos os seus sonhos enquanto a cerveja quente exalava seu cheiro ruim nos copos dos bares.

O dia estava azul como poucas vezes se vira.

Sobre o autor

Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Nepomuceno, e da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Doutor em Educação Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). É pesquisador, autor de textos acadêmicos e de um livro de crônicas e um de poesia, já publicados. Co-autor em antologias literárias.